



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

O TEATRO PRECISA DE TEATRO? REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS SOBRE A DESTERRITORIALIZAÇÃO DO TEATRO A PARTIR DO GRUPO DE TEATRO PALHA - PA.

Me. Paulo Roberto Santana FURTADO¹ (ETDUFPA/UFPA)
Dr.^a. Ivone Maria Xavier de Amorim ALMEIDA² (ETDUFPA/UFPA)

RESUMO:

Este artigo é o resultado da disciplina Movimento Criador do Ato Teórico que trabalhou a compreensão teórica como movimento criador para a tese de doutorado dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA (Universidade Federal do Pará), dentre eles a cartografia movente, como método de pesquisa-intervenção que pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa, onde o desafio é realizar uma resultante do sentido tradicional de método – não mais caminhar, alcançar metas pré-fixadas, mas a primazia de caminhar que traçam no percurso, suas metas, acreditando na sua inseparabilidade entre o conhecer e o fazer, entre pesquisar e intervir, pois toda pesquisa é intervenção! É neste lugar que me reconheço e que me possibilita perseguir pistas dos mergulhos que pretendo fazer a partir da trajetória do grupo de teatro PALHA de Belém do Pará. E tudo isso só é possível porque habito nesse território teatral, lugar em que minha pesquisa faz parte de vivências vividas durante trinta e nove anos de existência, onde essa experiência se faz presente em minha vida, e “como a cartografia não se dá a partir de um sobrevoo conceitual de um processo, mas, sim, se desenvolve a partir da habitação naquele território existencial” (ALVARES e PASSOS. 2009). Trago aqui a noção de território para Deleuze e Gattari, que não se reduz a um espaço físico ou a um conjunto de ações, mas é algo processual, em constante movimento e produção, por meio da dimensão rítmica das condutas e forças que ali se expressam, e para habitá-lo o cartógrafo deve ter uma receptividade e abertura ao campo, engajando-se afetivamente ao mesmo, se colocando ao lado da experiência, de modo a não falar sobre a mesma, e sim com ela, por habitar o território e estar aberto a uma forma diferente de conhecer melhor esse lugar que habito com o qual me reconheci e me possibilitou perseguir pistas dos mergulhos, no tempo que pretendo fazer a partir da trajetória do Grupo de Teatro PALHA, onde fenomenologicamente serei sujeito e objeto, sujeito histórico no

¹ Doutorando em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes da UFPA, ator, cantor, diretor teatral, publicitário e professor da UFPA, lotado no ICA (Instituto de Ciências da Arte), vinculado à ETDUFPA (Escola de Teatro e Dança) da UFPA. Fundador do Grupo de Teatro Palha. Email: rspaulo36@gmail.com.

² Doutora em História Social – PUC (Pontifícia Universidade Católica) – SP (2010), Mestre em Antropologia Social pela UFPA (1998). Professora Adjunta da UFPA, lotada no ICA, vinculada à ETDUFPA. Atua no Programa de Pós-graduação em Artes em Rede Nacional (UFPA) e no PPGARTES-UFPA. Email: ivmaxavier@gmail.com.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

tempo onde me metamorfosearei em cobra anfíbia, entre a água e a terra, trocando de pele e submergindo para fazer uma análise reflexiva a partir de nossa experiência de mundo. De modo que se possa fazer uma reconstrução da trajetória do Grupo, suas experimentações cênicas e sua relação com o lugar da ação, periferia-centro-periferia e subjetividade do fazer, tempo e lugar, o mergulhar nas águas e encontrar vida, a água que renasce de si, a água que não muda a água que marca com seu signo indelével as suas imagens, a que é um órgão do mundo, um alimento dos fenômenos desembarçados, o elemento vegetante, o elemento lustrante, o corpo das lágrimas. Mas, precisaremos retornar a superfície e permanecer bastante tempo iriado para poder compreender o preço da profundidade e tentar especificar certos princípios de coesão que unificaram as imagens superficiais dessa trajetória vivida pelo tempo de fazer teatro e de seu reordenamento do seu fazer, a partir do amadurecimento de um fenômeno ainda definido de forma “tateante”, como globalização, onde o objetivo maior ao fazer a comparação, é o de procurar compreender um fenômeno contemporâneo que capturou a todos: o da aceleração do tempo histórico, pois falar das questões do tempo e da modernidade seria então refletir sobre como este processo influenciou e influencia o fazer artístico desses artistas e grupos, resistentes e sobreviventes. Farei opção por escrever este estudo não de forma linear, em forma de dramaturgia, onde me proponho mergulhar e submergir, metamorfoseado em cobra para falar de afeto e teatro paraense. O que me fará ver que existem grupos de teatro sobrevivendo ao longo dos anos realizando montagens tradicionais, mas que precisam se reinventar para se manterem vivos. A partir daí passei a me questionar o que se esconde na arte de produzir e manter vivo um grupo de teatro, tão tradicional em nossa capital e de forte influência no fazer teatral do passado e de agora. São grupos e/ou artistas de práticas pautados em projetos ético-político-estético como o grupo de teatro PALHA, inicialmente dirigido por mim e cuja proposta central era o de levar o teatro às periferias da cidade de Belém, lugar onde se pode partilhar uma forma de entendimento do fazer teatral centrado na questão da ampliação e sociabilização deste bem cultural. Cada vez mais a mundialização dota os espaços das cidades contemporâneas de novos significados e valores, solicitando de nós pesquisadores, artistas, gestores públicos e demais agentes, uma reflexão acerca do(a)s mesmo(a)s e, é nesse sentido que se insere esta pesquisa, na qual busco discutir as questões territoriais e o teatro, passando por uma definição, para depois, demonstrar seu entrelaçamento. O lugar teatral não pode ser resumido apenas ao teatro, pois esse significado requer o edifício teatral; deve ser definido como o local onde o espetáculo artístico é apresentado, o espaço onde acontece a relação entre público e ator. Dessa forma, diferentes espaços podem ser transformados em lugares teatrais, pois esses incluiriam e compreenderiam todos os locais onde o espetáculo artístico pode ser apresentado, isso tudo a partir da segunda metade do século XXI, muitos grupos e diretores exploraram inúmeras possibilidades de espaços não tradicionais. Em Belém, podemos ver espetáculos nas ruas, nas praças, nos depósitos, nos centros comunitários, salões paroquiais, igrejas, casas velhas e abandonadas, residências de artistas e/ou grupos no centro e na periferia da cidade. Dessa maneira a ação artística aproxima-se dos cenários urbanos, transforma a cidade no lugar da ação, no palco de muitas cenas artísticas, usando-a como instrumento de cena, aproximando a realidade da atividade artística e interagindo com o público de forma mais direta. O teatro precisa de Teatro? Segundo o geógrafo Milton Santos, na obra



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Metamorfose do espaço habitado “O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de quem participa de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento” (2008. p. 28). Assim o espaço também é histórico, pois se modifica conforme o movimento da sociedade que o anima, sendo a somatória da paisagem, do território e da sociedade. Esses elementos contidos no espaço estão em constante relação (SANTOS 2008). Por isso mesmo são variáveis, isto é, modificam-se conforme “o movimento da história”. Dessa forma o espaço é totalidade e está sempre em constante transformação. Tudo isso me leva a acreditar que na mediada em que os meios técnicos e científicos se alteram, isto é, se a ciência se desenvolve e possibilita a criação de novas ferramentas, de novas técnicas, entre outros elementos, modifica-se também o espaço, porque este é produzido pelo conjunto de sujeitos sociais. Dessa forma homens e mulheres, conforme os meios disponíveis agem sobre o espaço, transformando-os de acordo com as circunstâncias. Assim, “[...] a posição relativa do lugar é dada, em grande parte, em função das técnicas de que é portador o respectivo meio de trabalho”(SANTOS, 2008). Por isso na concepção de Santos, os espaços tem valores diferenciados conforme as técnicas e os meios científicos de que dispõem. De forma rápida e em escala macro, é possível ilustrar tal conceito com os considerados países desenvolvidos e os em desenvolvimento. O mesmo vale para escala menor, como bairros populares quase sem infraestrutura comparada a um bairro destinado às classes mais abastadas, com toda a infraestrutura que se faz necessárias.

PALAVRA-CHAVE: Teatro Paraense; Cartografia; devaneio, Espaço Teatral; Grupo de Teatro Palha.



REFERÊNCIAS:

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. A poética do devaneio/Gaston Bachelard; [tradução Antonio de Pádua Danesi.] – São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____, 1884-1962. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria/ Gaston Bachelard; [tradução Antonio de Pádua Danesi.] – São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BERGER, John. Modos de Ver. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, s/d.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si / Elizabeth Muylaert Duque-Estarada. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC Rio, 2009.

DUBATTI, Jorge. Cartografia Teatral: Introdução ao Teatro Comparado. 1ª ed. Buenos Aires: Atuel, 2008.

_____. O teatro dos mortos: Introdução a uma filosofia do teatro/Jorge Dubatti; Tradução de Sérgio Molina – São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

DELEUZE, Gilles, 1925-1995. Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O esgotado/ Gilles Deleuze; tradução Fatima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Zhar, 2010.

FLORENTINO, Adilson, TELLES, Narciso (org.). Cartografia do ensino do teatro. Uberlândia: EDUFU. 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. Fenomenologia da percepção/Maurice Merleau-Ponty; tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura, - 4ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. – (Biblioteca do Pensamento moderno).

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virginia. ESCÓSSIA, Liliana.(Org.) Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre. Sulina. 2009.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. Trad. J. Guinsburg, Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.

SANTOS, Milton. Espaço e Método. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

_____, *Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamento Teórico e Metodológico da Geografia*. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2008c.

_____, *Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio-científico-informacional*. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2008c.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado processo de criação artística**. 6ª Edição. Apresentação de Elda Tessler. – São Paulo: Intermeios, 2013.

_____, Cecília Almeida. **Redes da Criação construção da obra de arte**. 2ª Edição. São Paulo. Editora Horizonte, 2014.

SOQUET, Marcos Aurélio. *Abordagem e Concepção de Território*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

UBERSFELD, Anne. *Para Ler o Teatro/Anne Ubersfel*; [tradução José Simões (coord.)]. – São Paulo: Perspectiva, 2013.